

## RESENHA

Olgária Chain Féres Matos<sup>1</sup>

HAROCHE, Claudine; LOPES, Myriam Bahia. **O humor contra a violência**. Belo Horizonte: NEHCIT, 2018. (ISBN: 978-85-67547-03-9)

O Humor contra a Violência é uma publicação das mais importantes a respeito dos modos de resistência à violência social e política, ao desprezo e às humilhações que ela provoca.

Em seu texto introdutório, Claudine Haroche e Myriam Bahia Lopes apresentam o eixo que reúne a análise conceitual à perspectiva histórica, da literatura à arquitetura. Como contra-discurso, o humor se cidadania, desestabilizando a linguagem do poder e seu exercício, pelo poder da linguagem e das imagens: “O humor com frequência associa a imagem com a parábola, ele revela a vivacidade do espírito e a acuidade de uma réplica, ele traduz a rapidez de julgamento pelo jogo de uma sacada, de uma graça ou de uma mistificação, ele reproduz um retrato rápido de situações e de posições, e mais ainda, ele toca em assuntos tabus que com frequência permanecem adormecidos atrás da consciência em vigília”.

De difícil definição, o humor é interrogado de Platão e Aristóteles, de Santo Tomás a Hobbes e Locke, de Baudelaire a Bergson e Freud, por Molière e Ionesco, entre outros. Politicamente correto ou incorreto, o humor questiona o Sujeito, assim como é também relação inter-subjetiva e social, desfuncionalizador do monopólio do poder. Razão pela qual este livro enfatiza que o humor é um desafio imagético e verbal, não-violento e simbólico, é também um “rir de si mesmo”, aceitando-se ou

---

<sup>1</sup>Possui graduação em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1970), mestrado em Filosofia - Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne) (1974) e doutorado em Filosofia pela Universidade de São Paulo (1985). Atualmente é professora titular da Universidade de São Paulo, - Coleção Azul - Atiliê Editorial, - Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, programa do pós-graduação em comunicação da Universidade de Sorocaba, - Revista Kalagathos e professora visitante do curso de filosofia da Universidade Federal de São Paulo. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em História da Filosofia, atuando principalmente nos seguintes temas: tempo, filosofia, razão, democracia e história. Universidade de São Paulo. São Paulo. Brasil. E-mail: [olgaria@uol.com.br](mailto:olgaria@uol.com.br)

aprendendo a ser magnânimo, como renúncia à amargura diante da não-consideração do Outro, e pode indicar tolerância: “a autoderrisão”, observa Claudine Haroche, “consiste em zombar de si mesmo, em ridicularizar-se: podemos supor que, de certa maneira, ela consistiria em nos anteciparmos à zombaria do outro”. Haroche destaca ainda a “capacidade de se distanciar, de se afastar das emoções: a capacidade não violenta, desarmada e desconcertante, mas também – de particular relevância— a capacidade de decidir quanto ao modo e ao momento em que se ridiculariza”

Caricatura, trocadilho, sátira, paródia, o humor interrompe a continuidade temporal, captando, em um átimo, saborosamente, o momento oportuno e a palavra certa. Ao tratar de seu aspecto político na França dos anos 1830 e seguintes, Ségolène Le Men escreve com respeito à Monarquia de Julho sob Luís Felipe: “a caricatura funciona como um contrapoder produz às vezes imagens extremamente violentas [...]. Daumier surgiu como uma personificação dessa expressão satírica, compreendida como uma força de oposição política e um contrapoder e como instrumento de defesa dos fracos, sobretudo diante da injustiça dos juízes. Há portanto um limite diante do qual o riso cessa”.

O humor tem a função de estratégia contra a adversidade. Assim, ao analisar a caricatura no Brasil sob a ditadura dos anos 1960 e seguintes, Myriam B. Lopes diz: “Para o ilustrador na ditadura no Brasil, produzir humor é um risco. A charge realiza a aposta-limite de jogar com a palavra, a imagem e com a força que passa por sua criação. Em um período marcado pela censura e pelo desaparecimento físico dos opositores, o desenho satírico sintetiza e torna visível aquilo que foi forçado a desaparecer”.

No horizonte de uma modernidade que oscila entre democracia e autoritarismo, sob a hegemonia da sociedade de mercado e a universalização do fenômeno do fetichismo, da cultura da virilidade, o humor os desfuncionaliza valendo-se de suas figurações literárias. Assim, Teodoro Rennó Assunção anota sobre a novela satírica de Paulo Emilio: “o humor (opera) contra o poder do macho — aqui sempre ludibriado ou corneado — nas relações conjugais, mas também contra a violência [...] da desterritorialização da cidade segundo as classes sociais”.

Para reaver a palavra portadora do riso na história, Olivier Mongin chega à contemporaneidade: “se a questão do riso associa, à primeira vista, corpo e

linguagem, o riso parece ter-se tornado mais uma questão de linguagem que de corpo (como o corpo cômico de Buster Keaton). Um único exemplo: o de Raymond Devos, um grande humorista francês, de quem nos lembramos sobretudo por sua invenção verbal, a capacidade de fazer malabarismos com as palavras, e menos por seu corpo obeso, o de um artista de circo, aos modos de Ubu (de Jarry) etéreo e leve”. Questão que se abre para a ironia com respeito aos arquitetos pós-modernos e seu gosto pelo “neo”, “retrô” e pelo pastiche, sempre às voltas com o mercado. Como considera Clara Luiza Miranda: “alguns arquitetos atuam como o homem ondulatório na sociedade de controle. No quadro desse conceito, Gilles Deleuze apropria-se do surfe, esporte radical que efetua manobras sobre as ondas; um tombo no capitalismo contemporâneo pode levar a sofrer a morte no mercado”.

Seriedade e humor mesclados, nos mostra este livro, manifestam que no humor há ambivalência e resistência. Exageros, paródia e ironia constituem uma defesa contra o medo, sendo uma das mais altas expressões do espírito democrático como forma superior de pensamento e ação.